

SESSION 2016

**CAPES
CONCOURS EXTERNE**

Section : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES

PORTUGAIS

COMPOSITION EN PORTUGAIS

Durée : 5 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Dans le cas où un(e) candidat(e) repère ce qui lui semble être une erreur d'énoncé, il (elle) le signale très lisiblement sur sa copie, propose la correction et poursuit l'épreuve en conséquence.

De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, il vous est demandé de la (ou les) mentionner explicitement.

NB : La copie que vous rendrez ne devra, conformément au principe d'anonymat, comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé comporte notamment la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de signer ou de l'identifier.

Tournez la page S.V.P.

COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

Durée : 5 heures

Coefficient : 2

Notion : Espaces et échanges

À partir de la notion indiquée, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

Documento 1**Carta a Madame de Jouarre****Luanda, Agosto de 1872**

[...] O palacete que herdou do marido junta nas tardes de Domingo uma juventude original, inquieta e culta, que tudo discute e tudo contesta. Fui a algumas destas reuniões e admirei-me ao encontrar ali brancos, negros e baços, todos unidos no mesmo amor por Angola. Ana Olímpia recebe os seus convidados sentada numa alta cadeira de vime e rodeada pelas suas molecas, que a aliviam do calor sacudindo leves leques de sândalo, e em tudo a servem rápidas e graciosas.

5

A questão da escravatura é sempre motivo de exaltado debate nestes saraus, em que poucos defendem a continuidade do velho sistema e a larga maioria se bate pela abolição; entre estes contam-se muitos em cujas casas existe ainda numerosa escravaria, e quase todos são filhos de comerciantes implicados no tráfico negreiro. Ana Olímpia, por exemplo, vendeu após a morte do marido os três navios com que Victorino Vaz de Caminha fez fortuna, mas apenas alforriou os trabalhadores do campo. É justo reconhecer, porém, que os Luandenses são normalmente menos cruéis que os Portugueses. Assim, quando os seus escravos cometem algum erro grave Ana Olímpia prefere vendê-los a castigá-los, sendo esse, na verdade, o pior castigo que lhes podia reservar.

10

15

Já Gabriela Santamarinha goza de justa fama de bruta. Eu próprio a vi, certa vez, castigar uma infeliz criança batendo-lhe nas costas das mãos com uma palmatória, e com tal violência que o sangue saltou manchando o vestido da senhora. A pequena foi então amarrada a um pau, inteiramente despida, e Gabriela marcou-lhe o dorso à chibatada. O seu crime? Havia deixado escapar um dos muitos macaquinhos amestrados com que a pavorosa personagem distrai os convidados (veste-os ricamente: laço, colete e chapéu alto, os machos; panos da costa, as fêmeas, e fá-los depois dançar as modas da terra).

20

25 O padre Nicolau dos Anjos, que em visita a Luanda ficava frequentemente alojado em sua casa, conta que não conseguia adormecer devido aos lamentos das escravas: «Todas as noites ela prendia duas ou três albinas, com pretextos fúteis, e batia-lhes com um cavalo-marinho. Achei aquilo tão desumano que lhe chamei a atenção, e a partir dessa noite nunca mais ouvi os gritos das escravas. Soube depois que ela continuava a bater-lhes, mas antes disso amordaçava-as!».

30 Ao libertar os trabalhadores das suas fazendas Ana Olímpia conseguiu demonstrar uma das principais teses do movimento emancipador – a de que qualquer homem trabalha mais e melhor em liberdade, sendo o pagamento dos salários compensados pelo aumento das colheitas. Num engenho de açúcar que possui em Icolo e Bengo Ana Olímpia obteve a partir de uma única colheita 125 mil francos, dez vezes mais do que anteriormente, quando todos os trabalhadores eram cativos.

35 Porque não libertou então os escravos domésticos? «Porque», disse-me ela, «seria como alforriar a minha própria família». Este argumento, que eu não consigo compreender, ouvi-o mais tarde a outros Luandenses: «Temos responsabilidades para com eles», tentou explicar-me Arcénio de Carpo Filho. «Não os podemos libertar porque os desgraçados não saberiam o que fazer com essa liberdade.»

40 A verdade é que eu próprio não me importaria de ser escravo de Ana Olímpia. Assustosa? Receio que ao ler isto V. esteja já a pensar na aterradora sentença de madame Kirkovitz. Como lhe disse, também eu penso muito nela.

Saudades deste seu afilhado,

Fradique

José Eduardo Agualusa, *Nação Crioula*, 1997

Menino com sua mucama – Recife, 1860



Essa fotografia ilustra o epílogo do livro Vida Privada e Ordem no Império, de Luiz Felipe de Alencastro.

Eis o comentário do historiador:

Ele conhecia de cor o seu cheiro, o perfume da sua pele, o seu calor. É na sombra da sua ama, ao pé do seu berço ou durante as horas em que ela o amamentava, de noite como de dia, que seus olhos de bebê se fixaram e começaram a enxergar o mundo. Razão pela qual ele invadiu literalmente o espaço dela : ela lhe pertence como uma coisa, por amor e como um direito de propriedade. O olhar do menino se perde na inocência e se põe sobre as coisas impecavelmente em seu devido lugar. Ela, ao contrário, não se mexeu. Petrificada, prisioneira da imagem que seus amos quiseram fixar dela para sempre, os gestos codificados do seu estatuto. A mão direita, ao nível da criança, está de punho fechado no centro da fotografia, na altura do seu ventre que deu à luz a um outro moleque, da mesma idade que o primeiro. A imagem de uma união paradoxal e portanto aceita. Uma união travada no amor presente e numa violência inacabada. Numa violência que partiu a alma da escrava, abrindo um espaço afetivo, aquele mesmo que o filho do amo invadiu. Quase todo o Brasil cabe nessa fotografia.

Luiz Felipe de Alencastro, *Vida Privada e Ordem no Império*, in Fernando Novais, *História da vida privada no Brasil* (vol. 2), 1997-1998

Documento 3

O Vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: - "Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!" Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

- Meu senhor! gemia o outro.

- Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio - o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

- É, sim, nhonhô.

- Fez-te alguma coisa?

- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

- Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

- Pois não, nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a cavar cá dentro uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre.

Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, - transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1881